

As Instituições de Ensino Superior e seus interlocutores quanto à percepção nas ações extensionistas

Leopoldina Francimar Amorim Coelho Diniz¹, Geida Maria Cavalcanti de Sousa², Dennis Marinho Oliveira Ramalho de Souza³

Resumo

As informações da extensão universitária no mundo estão registradas desde o começo do século XIX na Inglaterra. No Brasil, a extensão universitária ganha maior destaque a partir da segunda metade dos anos 1960. Ao longo desse tempo, a educação universitária percebeu a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, fundamentada no conhecimento de concepções, fundamentos, bases conceituais, possíveis impactos e mudanças resultantes das ações extensionistas. Este estudo de revisão sistemática pretendeu analisar produções da literatura nacional e internacional, referentes às práticas extensionistas nas universidades públicas e privadas, contemplando artigos e dissertações no período compreendido entre 2012 a 2019. Como aporte, foram feitas buscas nas bases de dados na SciELO, Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES, priorizando estudos com aplicação de instrumentos para as análises. Foram selecionados 28 publicações, permanecendo oito artigos e duas dissertações. Os resultados apontam a extensão como impactante na interação universidade/comunidade, contribuindo para uma educação libertadora e transformando o contexto social. Assim, as avaliações institucionais dessas ações demandam um olhar mais aprofundado acerca da percepção desses envolvidos com relação à extensão. Nessa perspectiva, o acompanhamento torna-se um meio de suma importância para se alcançar os objetivos propostos.

Palavras-chave

Extensão universitária. Instrumento de pesquisa. Avaliação da extensão. Revisão sistemática.

¹ Mestra em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco, Brasil; assistente em administração na Pró-reitoria de Extensão e Cultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Brasil. E-mail: leopoldina.amorim@ifsertao-pe.edu.br.

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil; professora aposentada da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco, Brasil. E-mail: geida.cavalcanti@gmail.com.

³ Doutor em Biometria e Estatística Aplicada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil; professor assistente da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco, Brasil. E-mail: dennis.marinho@univasf.edu.br.

The Higher Education Institutions and their interlocutors regarding the perception of extension actions

Leopoldina Francimar Amorim Coelho Diniz⁴, Geida Maria Cavalcanti de Sousa⁵, Dennis Marinho Oliveira Ramalho de Souza⁶

Abstract

The information on university extension in the world has been recorded since the beginning of the 19th century in England. In Brazil, university extension gains greater prominence from the second half of the 1960s. During that time, university education realized the importance of the inseparability between teaching, research and extension, based on the knowledge of concepts, fundamentals, conceptual bases, possible impacts and changes resulting from extension actions. This systematic review study aimed to analyze productions of national and international literature, referring to extension practices in public and private universities, including articles and dissertations from 2012 to 2019. As a contribution, searches were made in the databases in (SciELO), Google Scholar and the CAPES Journal Portal, prioritizing studies with the application of instruments for analysis. Initially, 28 publications were selected, with eight articles and two dissertations remaining. The results point to extension as an impact on the entirety of the university/community interaction, contributing to a liberating education and transforming the social context. Thus, the institutional evaluations of these actions demand a more in-depth look at the perception of those involved in relation to extension. In this perspective, monitoring becomes an extremely means to achieve the proposed objectives.

Keywords

University extension. Research instrument. Extension evaluation. Systematic review.

⁴ Master in Dynamics of Development of the Semi-Arid Region, Federal University of Vale do São Francisco, State of Pernambuco, Brazil; administration assistant at the Dean of Extension and Culture, Federal Institute of Education, Science and Technology of Pernambuco, Brazil. E-mail: leopoldina.amorim@ifsertao-pe.edu.br.

⁵ PhD in Psychology, Federal University of Espírito Santo, State of Espírito Santo, Brazil; retired professor at the Federal University of Vale do São Francisco, State of Pernambuco, Brazil. E-mail: geida.cavalcanti@gmail.com.

⁶ PhD in Biometrics and Applied Statistics, Federal Rural University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil; assistant professor at the Federal University of Vale do São Francisco, State of Pernambuco, Brazil. E-mail: dennis.marinho@univasf.edu.br.

Introdução

As ações extensionistas encontram-se implantadas nas instituições de ensino e têm desempenho fundamental na formação do discente, cada vez mais equiparado com o ensino e pesquisa. Conhecer os elementos que integrem os saberes acadêmicos e populares, com base em ações e práticas que contribuem para a formação acadêmica, nos faz refletir de que forma ocorrem estas práticas e se está sendo cumprido o papel educacional inerente à Universidade. Identificar a percepção dos discentes e docentes com relação à extensão deve fazer parte do processo avaliativo das instituições de ensino superior.

O movimento de Córdoba, em 1918, foi uma importante manifestação estudantil que evidenciou a necessidade de a Universidade interagir com a sociedade por meio da extensão, estando mais envolvida em problemas sociais na busca por soluções. Há 100 anos, já se reivindicavam liberdade e autonomia universitária. No Brasil, essa influência foi sentida a partir da década de 1960, quando os estudantes brasileiros reivindicavam que a universidade estivesse mais próxima à sociedade (PEREIRA, 2019).

A década de 1960 destaca-se para o desenvolvimento do ensino universitário no que se refere à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Iniciam-se aí as discussões acerca da práxis universitária, mas é somente 10 anos após, em 1970 que começam as contradições na visão da extensão pela universidade. Com influências de práticas extensionistas vindas da Europa e dos Estados Unidos, iniciaram-se questionamentos acerca dessas práticas no país; de um lado, a extensão era vista como fortalecimento para os movimentos sociais e, por outro, começaram a questionar se estava desenvolvendo um caráter assistencialista e manipulador (NOGUEIRA, 2005).

Em 1980, a extensão passa a ser objeto de estudos, destacando-se em debates que anunciavam sua participação como prática necessária à formação discente e docente, prezando sempre pela indissociabilidade com a pesquisa e o ensino. A universidade brasileira, no período de 1950 a 1960, despertou para seu compromisso com a sociedade por meio da extensão, sob a influência dos movimentos sociais e estudantis, que foram abalados, em 1964, pelo golpe militar, atingindo também a educação popular, que procurou manter-se em projetos voltados à educação de jovens e adultos, pelas iniciativas e publicações de Paulo Freire (GADOTTI, 2017).

Freire (1968) aborda como os conceitos de extensão podem ser equivocados. Faz uma crítica ao termo, partindo de ponto de vista diferente, tanto no sentido linguístico como

filosófico e no conceito de invasão cultural. Ele acreditava que a extensão se relaciona com assistencialismo, paternalismo, invasão e um caminho para a manipulação da comunidade inserida no processo extensionista. Os projetos desenvolvidos na década de 1960 traziam a característica assistencialista, o que impulsionou, a partir da década de 1980, as organizações a reinventarem a extensão universitária no cenário da educação popular. Com a criação do Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas (FORPROEX), a extensão universitária avança nas conquistas, firmando-se como missão dentro das universidades, sendo referendada na Carta Magna de 1988 (GADOTTI, 2017).

Em 2014, a Lei 13.005/2014 aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) com vigência para dez anos, assegurando que 10% do total de créditos dos cursos de graduação contemplem ações de extensão, priorizando áreas de pertinência social. Os passos para a curricularização da extensão mais uma vez foram reforçados e, recentemente, a Resolução CNE/CES nº 7/2018 estabeleceu as diretrizes para a extensão no ensino superior (BRASIL, 2018).

Santos (2004) defende que a universidade não pode ser detentora do conhecimento, ao mesmo tempo em que o produz por meio da pesquisa, transmite por meio do ensino e socializa, propaga e democratiza por meio da extensão. Na universidade do século 21, não cabe produzir conhecimento por meio de pesquisas fora do contexto de problemas reais e que afetam diretamente à sociedade. É preciso passar de conhecimento universitário para o conhecimento pluriversitário, socializado e democratizado por meio da extensão.

A interação instituição/discentes/docentes/sociedade encontra-se presente nestes estudos e ressaltada como imprescindível para a formação de cidadãos emancipados, críticos e comprometidos com a realidade social no qual estão inseridos. Esta revisão sistemática serviu como aporte inicial para acrescentar conhecimentos acerca da extensão universitária, vislumbrando a execução de um projeto de pesquisa.

Metodologia

Por tratar-se de revisão sistemática, visando aprofundar os conhecimentos e resultados da extensão universitária, nos últimos sete anos, optou-se por considerar as pesquisas a partir de 2012, quando se iniciaram os primeiros contatos com trabalhos extensionistas em uma instituição de ensino. Buscaram-se publicações de trabalhos a partir do ano de 2012, entre nacionais e internacionais, oriundas de pesquisas realizadas em instituições de ensino públicas e particulares, tendo como referência as orientações de Costa e Zoltowski (2014).

A primeira etapa começou com a delimitação das pesquisas de publicações entre artigos e dissertações na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), realizando a pesquisa no campo assunto, com os termos das palavras-chave; no *Google Acadêmico* com o booleano *and/or* para a junção das palavras-chave, refinando a busca, priorizando publicações que envolveram aplicação de instrumentos avaliativos; no Portal de Periódicos da CAPES, a busca foi realizada no campo assunto, utilizando o espaço temporal de 2012 a 2019, com qualquer uma das palavras-chave: práticas extensionistas, extensão universitária, avaliação da extensão, percepção da extensão e extensão. Após leitura dos resumos, foram selecionadas publicações do referido período.

Na segunda etapa, foram classificados nove trabalhos nacionais e um internacional. Após uma breve leitura, selecionou-se, com base nos títulos e resumos, a fim de verificar se atendiam aos critérios de inclusão: trabalhos publicados no período entre 2012 a 2019, com pesquisas de campo e aplicação de instrumentos avaliativos.

Segue o quadro 1, com as publicações selecionadas e ordenadas sequencialmente por ano da pesquisa, apresentando objetivo, título, autores e o tipo de estudo publicado.

Quadro 1 – Trabalhos selecionados com a temática extensão universitária

Ano de realização pesquisa	Objetivo(s)	Título	Autor(es/as)	Tipo de Estudo
2012	Analisar a percepção dos discentes quanto à extensão na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), considerando suas políticas, ações e diretrizes.	Extensão universitária: proposição e validação de um instrumento de avaliação da percepção dos discentes	BARBOSA, Valeska Cristina	Dissertação
2013	Analisar a experiência da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na implementação e construção de indicadores para avaliação da extensão.	Avaliação e indicadores da extensão na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	SILVA, Denise Bianca Maduro BARBOSA, Valeska Cristina	Artigo/Revista
2016	Relacionar extensão universitária e formação acadêmica e profissional, além de entender as concepções, na perspectiva dos alunos extensionistas.	Extensão universitária e formação no ensino superior	SANTOS, João Henrique de Sousa ROCHA, Bianca Ferreira PASSAGLIO, Kátia Tomagnini	Artigo/Revista
2016	Analisar a gestão dos projetos de extensão de uma instituição federal de ensino.	Uma análise da gestão de projetos de extensão de uma instituição federal de ensino (pesquisa qualitativa)	SILVA, Rafael Rodrigues TEIXEIRA, Maria Rafaela Soares RODRIGUES, Flavia Tatiane Ribeiro de Lima	Artigo/Revista
2018	Avaliar se a política extensionista da Universidade Federal do Tocantins (UFT) como a interação da universidade com outros setores da sociedade tem acontecido, identificando o olhar dos estudantes bolsistas acerca das práticas da extensão universitária praticadas na instituição.	Extensão universitária e Pibex: um estudo sobre os projetos de extensão e a percepção dos discentes bolsistas da Universidade Federal do Tocantins (UFT)	FERREIRA JÚNIOR, Geraldo José	Dissertação
2013	Analisar a percepção de acadêmicos da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) a respeito da extensão universitária.	Extensão universitária: a visão de acadêmicos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	SANTOS, Alfredo Balduino ABIB, Stravos Wrobel SANTOS Vera Márcia Marques	Artigo/Revista

			SOUZA, Simone Santos GOMES, Nardilene Pereira	
2015	Perceber os obstáculos enfrentados pelos estudantes de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) durante a participação nos projetos de extensão universitária	Percepção dos acadêmicos em relação às dificuldades no desenvolvimento de projetos de extensão universitária.	OLIVEIRA, Franklin Learcton Bezerra de ALMEIDA JÚNIOR, José Jailson de SILVA, Maria Leonor Paiva da	Artigo/Revista
2018	Apresentar os possíveis apoios da extensão para o desenvolvimento dos estudantes universitários e seus impulsos sociais, conforme a perspectiva de estudantes bolsistas.	Olhares sobre a extensão universitária: percepções dos bolsistas do projeto redes interdisciplinares	GONZATTI, Sônia Elisa Marchi SILVA, Alessandro Avila da CHEMIN, Augusto Pretto LAZZARI, Uéinton Medeiros MAMAN, Andréia Spessatto de BERGMANN, Adriana Belmonte MAGEDANZ, Adriana HERBER, Jane	Artigo/Revista
2019	Descrever as ações de extensão que possibilitaram alargar o processo de ensino-aprendizagem para além da universidade.	A extensão na Universidade Katyavala Bwila como espaço de ampliação do processo de ensino-aprendizagem: experiências no período 2015-2018	CARDOSO, Ermelinda Monteiro Silva SAPALO, António Tiago SANTOS, Judite R. Cassoma dos	Artigo/Revista
2019	Compreender os limites, as relações e as perspectivas de intervenções das ações de extensão junto a agricultores familiares na região do Vale do Submédio São Francisco	As relações entre a Univasf e a agricultura familiar por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex)	FREITAS, Renata Cristina de Sá Barreto FREITAS, Helder VIEIRA Denes Dantas	Artigo/Revista

Fonte: Os dados constantes nesse quadro correspondem aos apresentados nas pesquisas das quais foram extraídos.

Após leitura e com dados sintetizados, passou-se para a terceira etapa. Elaborou-se uma síntese descritiva contendo resultados e discussões, considerando os objetivos propostos. Os resultados foram organizados nas seções: percepção da extensão pelos envolvidos; indicadores e processos avaliativos da extensão; contributos da extensão para a formação acadêmica.

Os estudos convergem para a importância das ações extensionistas na visão e na prática dos interlocutores, as contribuições e experiências adquiridas pelos discentes. Evidencia-se também que essas práticas merecem ser aprofundadas no conceito de extensão, com melhor divulgação no meio acadêmico, para que cada vez mais o número de extensionistas cresça e se fortaleça no meio educacional.

Resultados e Discussão

Seguem-se os estudos abordando o tema extensão. Mesmo separando os conteúdos por tópicos, ressalta-se que alguns se enquadrariam em mais de um tópico quanto à percepção, indicadores e contributos.

Santos (2004) já defendia que a universidade precisava ser uma instituição pluridisciplinar, equiparando todas as disciplinas pela sua importância, colocando-as no mesmo nível de abordagem, sempre buscando o mesmo propósito, respeitando as diversidades. É necessário disseminar o conhecimento pelo ensino, com pesquisas realizadas nas comunidades, abordadas pelas práticas extensionistas, reconhecendo e respeitando as diversidades culturais, pois a universidade serve a vários propósitos com várias clientelas e visões. Reforça que a universidade é uma instituição de resistência, que pensa na sociedade e nas alternativas para disseminar o conhecimento no desenvolvimento da ciência em prol da população. Entende-se que existe um desafio imposto ao ensino universitário para acompanhar as dinâmicas sociais e econômicas com seus avanços tecnológicos. Acredita-se que a universidade pode unir os conhecimentos adquiridos por meio das pesquisas, utilizando-os nas práticas de ensino e, por meio da extensão, ser levada à sociedade, intervindo na realidade social. Os integrantes das atividades de extensão acumulam cargas de conhecimento que os tornam sujeitos capazes de aprender e ensinar, fortalecendo a troca de saberes numa via de mão dupla.

Percepção da extensão pelos envolvidos

A pesquisa de Barbosa (2012) focalizou desenvolver e validar um instrumento para analisar a percepção dos estudantes quanto à extensão realizada na Universidade Federal de Minas Gerais. Constatou-se que os discentes da universidade conheciam, mas poucos participavam das ações de extensão, considerando, como consequência, a divulgação das possibilidades de atuação nessas ações que não chegam ao conhecimento de todos os discentes. Já entre aqueles que participaram dessas ações, ficou evidente que identificaram a indissociabilidade entre ensino/pesquisa/extensão, os impactos sociais junto às comunidades, bem como práticas de aporte para sua formação profissional.

Na pesquisa de Barbosa (2012), na primeira etapa, foram aplicados 250 questionários aos estudantes de um determinado *campus*, com 75,6% de respostas, validando o instrumento. Na segunda etapa, a pesquisa foi reforçada por e-mail, enviando 1.500 questionários para os discentes, totalizando 325 respondentes, alcançando o nível de confiabilidade para amostragem.

O questionário foi dividido em três partes: comum a todos, quem conhece a extensão e quem conhece e participa da extensão, com variáveis quantitativas e qualitativas, buscando identificar o conhecimento, a participação, a comunicação e o interesse pela extensão, por parte dos alunos daquela universidade.

No estudo, identificou-se um desbalanceamento quanto à amostragem, já que foram incluídos alunos de cursos médios e superiores, não tendo uma divisão quanto ao nível de ensino, algo observado e sinalizado com recomendação de que em futuras pesquisas fossem feitas análises divididas por grupos.

Os resultados apontaram que, na variável qualitativa, quanto ao perfil dos respondentes, os graduandos de engenharia e medicina, equiparando o gênero masculino e feminino, na faixa etária de 18 a 25 anos do turno diurno, foram mais representados, elevando ainda mais quando somados aos já graduados. Destacou-se que o número de respondentes dos cursos de ensino médio/profissional, não atingiu um número significativo de respondentes para alcançar a amostragem pretendida.

Na variável quantitativa, respondida pelos que tinham conhecimento e participavam das ações extensionistas, verificou-se participação semelhante tanto dos alunos do turno diurno quanto noturno, advindos de escolas públicas e particulares.

Chamou a atenção o percentual de discentes que não conhecia a extensão, representando 40% dos respondentes, algo preocupante, pois os principais interlocutores das ações de extensão são os discentes. Consequentemente, o fator que dificultou a participação dos 60% dos discentes nas atividades de extensão, foi o tempo disponível para se conciliar as aulas com as práticas extensionistas, como se a extensão fosse algo desvinculado da universidade.

Santos, Rocha e Passaglio (2016) apresentaram a relação entre extensão universitária e a formação acadêmica profissional, na busca de compreender as concepções que os alunos extensionistas têm sobre a extensão e suas práticas. Por intermédio de entrevistas com alunos de graduação, atuantes em atividades extensionistas, compreenderam a vivência dos alunos nessas práticas. Na parte documental, selecionaram 78 projetos de extensão em três áreas de conhecimento (humanas, exatas e saúde). Foi visto que somente 53 deles fizeram menção reflexiva entre teoria e prática.

Em referência ao conhecimento, quanto ao campo profissional, a citada pesquisa chega à conclusão de que existe uma grande composição formativa, agregando conhecimento teórico aliado com práticas que fortalecem sua formação acadêmica e a sua futura atuação profissional. Quanto à análise dos dados, entendeu o desenvolvimento de postura ética e crítica. Os resultados mostraram que a prática extensionista auxilia no aprimoramento da sensibilidade dos participantes com o compromisso social, a humanização, a interdisciplinaridade e o trabalho em equipe.

A troca de experiências acadêmicas e profissionais, vivenciada pelos extensionistas e reforçando a troca de saberes, possibilita mudanças e quebra de paradigmas, ao mesmo tempo em que se transmite e adquire conhecimentos, permitindo contribuições recíprocas entre os agentes envolvidos.

Ferreira Júnior (2018), apresentou a percepção dos discentes que vivenciaram extensão na Universidade Federal de Tocantins (UFT). Para entender essa percepção, elaborou e adaptou um questionário a partir da pesquisa desenvolvida por Barbosa (2012) e analisou as ações de extensão aprovadas e contempladas com bolsas, por meio de projetos executados somente no ano de 2016. Nas conclusões, salientou a necessidade de implementar ações rotineiras administrativas com ferramentas para acompanhamento, controle e avaliação.

Constatou-se, tanto em Ferreira Júnior (2018) como em Barbosa (2012), que existem lacunas que merecem ser averiguadas, principalmente em relação à divulgação da extensão por parte dos docentes, considerando também a baixa procura dos discentes em conhecer as

possibilidades de participarem da extensão. Esses fatores merecem uma apreciação mais detalhada para se compreender como a instituição está atuando junto aos envolvidos. A investigação mostrou que 90% dos discentes dizem encontrar dificuldades para se obter informações sobre a extensão na universidade e que 10% nunca receberam, atrelando o número à falta de informações e de divulgação dessas ações pela instituição de ensino.

O corpo discente que participou das ações de extensão apontou positivamente quanto à percepção das ações de extensão, reconhecendo sua importância tanto na formação acadêmica, como na troca de saberes e os impactos sociais nas comunidades onde são desenvolvidos esses projetos.

Santos *et al.* (2013) aplicaram questionários com 46 (quarenta e seis) discentes extensionistas vinculados ao projeto Rondon, objetivando analisar a percepção deles acerca da extensão universitária, cuja análise foi baseada no conteúdo de Bardin (2009), abordando quatro categorias: ação para comunidades carentes, ação acadêmica para comunidades, ação de troca de saberes entre universidade e comunidade e ação político-social.

Santos *et al.* (2013) constataram que, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), as “operações de extensão”, assim chamadas, atuam em acordo às demandas sugeridas pelas Secretarias de Desenvolvimento Regional em todas as suas seis regiões, funcionando de forma descentralizada, conforme as demandas de cada uma delas e coerente com suas especificidades.

Verificou-se, nessa instituição, a preocupação em chamar a atenção para que a extensão não se desvirtue para o assistencialismo e prestação de serviços, não preconizando governos e sim fortalecendo a política de ações afirmativas. No estudo, identificou-se que a percepção quanto ao assistencialismo na extensão, ainda faz parte do discurso de parte de seus integrantes, mas também, notou-se a crescente percepção da extensão como ação de transmissão e troca de saberes. Já no corpo acadêmico, foi perceptível também a contradição entre aqueles que defendem a verticalização do ensino e os que entendem a ação extensionista como troca de saberes.

Na visão político-social, os autores citados reforçaram o entendimento da extensão como uma política pública educacional, levando em conta que as ações extensionistas devem atender as demandas sociais e fortalecer o seu compromisso com a comunidade.

É preciso que sejam trabalhados os conceitos de extensão dentro das IES, no intuito de fortalecimento e a preocupação em sinalizar, identificar e revelar como essas ações chegam às

comunidades, cumprindo seu papel acadêmico e não assistencialista, sugerido também por Ferreira Júnior (2018) e Barbosa (2012).

Freitas, Freitas e Vieira (2019) em pesquisa realizada no submédio São Francisco, com os discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), envolvidos nos projetos de extensão entre os anos de 2016 a 2018, com ações direcionadas à agricultura familiar, observaram crescimento no número de estudantes e profissionais envolvidos a cada ano, agregado com a significativa participação de colaboradores e parceiros de outras instituições em mais de um projeto.

Com as análises documentais e com entrevistas realizadas com os envolvidos nos projetos, sendo abordagens metodológicas distintas, mapearam o número de participantes, as ações propostas, a população beneficiada e o espaço, urbano ou rural. Foram analisadas as falas de 23 envolvidos nos projetos, por meio da técnica de triangulação. No que se refere à participação de voluntários nos projetos de extensão, os autores destacaram que existe oscilação a cada ano, mas reforça que, no ano de 2018, a participação de voluntários foi superior à participação no ano de 2016. No momento da pesquisa, ainda se predominavam as ações extensionistas na área urbana, mas futuramente esse cenário poderia ser invertido, pois existia uma crescente participação dos cursos voltados ao meio rural.

Verificou-se que existe a ideia de que a universidade é detentora do conhecimento, sendo necessário que alcance as comunidades. É nesse ponto que as metodologias participativas podem e devem contribuir para que exista de fato a troca de saberes. Ainda que se identifiquem abordagens de cunho participativo, foram encontrados indícios de iniciativas com características assistencialistas, fato que dificulta alterações sociais nas comunidades, pois ao término das ações, a comunidade volta à condição anterior. Isso reforça a necessidade de que o foco na troca de saberes deve ser fortalecido, algo já reconhecido pelos discentes participantes dos projetos.

Indicadores e processos avaliativos da extensão

Em 2013, Silva e Barbosa abordaram o papel da extensão na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no que se refere à implantação e à construção de indicadores, visando ao favorecimento na avaliação da extensão. Tais indicadores foram vistos como elementos essenciais para o acompanhamento das ações e atividades extensionistas, favorecendo aparato

para modificar e aperfeiçoar o encadeamento universitário, alargando caminhos em busca de uma gestão eficiente e fortalecedora nas políticas públicas.

A UFMG aderiu aos indicadores para medir o esforço, qualidade e produção docente, inserindo a extensão como parte integrante nessas avaliações, contando com um sistema eletrônico em que registram informações de atividades extensionistas, proporcionando uma visão orientada na tomada de decisões da gestão institucional.

Os indicadores servem para monitorar e acompanhar as ações, identificar fatores que impactaram e contribuíram para transformações sociais, bem como quais entraves e dificuldades enfrentaram, para nortear ações futuras, podendo ainda, colaborar com o planejamento e formulação de políticas institucionais. As interfaces da avaliação da extensão podem ter vários significados; não será a extensão sozinha que traz esses indicadores, existe uma correlação com a pesquisa, com o ensino e com o meio.

Desde 1980, a universidade começou a trabalhar a questão dos indicadores para medir o esforço docente, a qualificação, produção e divulgação do conhecimento científico, chegando a impactar no número de vagas nos departamentos. Em 2010, ganhou reforço quando se inseriram as ações de extensão, mesmo sendo medidas quantitativamente e não qualitativamente. A UFMG conta com o Sistema de Informação da Extensão (SIEX), permitindo que se registrem e gerenciem as atividades de extensão, possibilitando inclusive a publicidade dessas ações.

Os indicadores utilizados priorizam a identificação se ocorre de fato a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Esses indicadores são materializados por pontuações com foco na valorização do trabalho e na diferenciação das ações e diretrizes da extensão. Isso proporciona que a universidade avalie as inovações de cunho institucional, tornando-se capaz de se desenvolver como um todo.

Cardoso, Sapalo e Santos (2019), em sua publicação sobre a extensão na Universidade de Katyavala Bwila (UKB), pública angolana, multicampi, com sede na cidade de Benguela, buscaram divulgar o percurso que essa instituição tem percorrido para trabalhar a extensão no período de 2015-2018. A pesquisa visou conhecer como a universidade desenvolve as atividades de extensão na busca em ampliar o processo ensino-aprendizagem, como também colaborar no desenvolvimento profissional dos docentes envolvidos e na forma como são levados os conhecimentos acadêmicos à comunidade. O uso de informações com indicadores mostrou o desinteresse por parte dos docentes nas práticas extensionistas, mesmo sendo fator de peso nas avaliações funcionais.

A primeira ação de extensão da UKB foi a Escola de Cacimbo, que seguiu, em seu segundo momento, com a criação de instrumentos reguladores dessas ações em busca da qualidade necessária para a certificação. Com a aprovação do prêmio extensionista, certifica ações de extensão que se destacam e estimulam futuras ações, firmando, assim, o compromisso dessa instituição junto à sociedade.

Buscou munir-se de indicadores que mostrassem nível de envolvimento dos docentes, institucionalização da premiação anual, tributo à avaliação, progressão e aprimoramento de competências dos docentes, melhoria tanto na infraestrutura física, tecnológica, estratégias de marketing e divulgação. Além disso, aproximar a UKB das instituições públicas e privadas, vislumbrando que tais ações favorecessem ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Iniciando sua prática com extensão em 2012, realizaram um curso voltado para assistentes sociais e educadores da infância, que lhes renderam uma menção honrosa na cidade de Benguela. Além dessa ação, a faculdade de medicina e outros cursos atuaram junto à comunidade com ações voltadas ao desenvolvimento social.

Das ações extensionistas, os cursos de curta duração ofertados por todas as unidades orgânicas da UKB, dentro de suas expertises, prevaleceram em 2018. Foram disponibilizados 83 cursos nas mais diversas áreas, mesmo não demonstrando um balanço positivo, quando se tratou da adesão nas ofertas existentes, sendo observada maior adesão aos cursos ofertados pelas faculdades de medicina e direito.

Nas análises do questionário, 22% dos inquiridos apontaram a necessidade de um maior envolvimento por parte dos docentes para se melhorar a extensão na UKB, seguido por aprimoramento de competências profissionais, avaliação de desempenho e progressão na carreira. Há necessidade de maior envolvimento dos docentes e discentes, integrando-se com a comunidade externa nas diversas ações de extensão, concordando com a demanda social e atual numa constante troca de saberes.

Com referência ao estudo de Silva, Teixeira e Rodrigues (2016), desenvolvida em uma instituição de ensino federal do nordeste brasileiro, por meio da abordagem qualitativa, com uso de entrevistas e análise documental, averiguou-se como eram geridos os editais dos projetos de extensão, tomando por base o guia PMBOK (Project Management Body of Knowledge). Analisaram os cinco processos de gerenciamento: iniciação, planejamento, execução, monitoramento e controle, e encerramento.

Concluiu-se que o edital de projetos de extensão adotado pela instituição atendia até certo nível ao guia PMBOK, mas não contemplava alguns aspectos considerados como pré-requisitos para auxiliar na gestão desses projetos. Observou-se, nessa pesquisa, que a comunicação entre os setores da comunidade acadêmica ainda é deficiente. Apontou-se também, a necessidade de apresentar ações que buscassem a melhoria na comunicação acadêmica, visando ao despertar do interesse de todos pelos projetos de extensão.

A instituição utilizava programa informatizado, que era alimentado periodicamente com informações para monitoramento e controle das ações de extensão. Conforme os entrevistados que utilizam o sistema, o programa necessita de adequações para uma melhor gestão. Isto reflete num fato já detectado em outras pesquisas, que é a necessidade na melhoria da comunicação entre os discentes/docentes/comunidade.

Contributos da extensão para a formação acadêmica

No seu sentido mais amplo, o FORPROEX (2012, p. 30), definiu as diretrizes para orientações nas ações de extensão universitária, entre elas, a interação dialógica que busca o diálogo entre academia e comunidade, na constante troca de saberes em via de mão dupla.

Gonzatti *et al.* (2018) apresentaram as contribuições significativas e impactos sociais que a extensão proporciona, na formação universitária, com os bolsistas do projeto Redes Interdisciplinares promovido pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). No estudo, aplicaram questionários *on-line* para analisar a percepção deles com relação à extensão e ao projeto executado. O referido projeto incentivou os alunos da Educação Básica ao conhecimento científico e tecnológico, priorizando a interdisciplinaridade com oficinas experimentais nas disciplinas, química, física, raciocínio lógico, informática e astronomia.

A abordagem interdisciplinar proporcionou conhecimento sobre diferentes campos, dialogando nas diferentes áreas do saber, de forma indissociável. Os autores observaram que, mesmo com o êxito de muitos projetos, ainda se notaram fragilidades na conexão entre a formação discente e integração nos currículos, mesmo que essas ações oportunizassem, aos envolvidos, a contextualização de vários saberes para sua formação.

Ficou evidente, quanto à percepção dos bolsistas com relação às contribuições, que o projeto despertou e aprimorou a vida acadêmica e pessoal, proporcionando experiências fora do contexto da educação formal, possibilitando transformações sociais com ações extensionistas baseadas na troca de conhecimentos. Houve a percepção de que o projeto

ampliou a visão de mundo, despertou e motivou a educação científica nos envolvidos, proporcionando, inclusive, o autoconhecimento e crescimento pessoal.

No contexto da extensão, o projeto atendeu às exigências da Política Nacional de Extensão, priorizando a ampliação da oferta e melhoria da qualidade da educação em áreas prioritárias, tanto do ponto de vista acadêmico quanto das necessidades sociais.

Oliveira *et al.* (2015) relataram as dificuldades enfrentadas por 15 discentes do curso de enfermagem da Faculdade de Ciência da Saúde do Trairi, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No que se refere à participação dos discentes no projeto de extensão, constataram que as dificuldades são de diversas ordens, como por exemplo, a timidez dos discentes, baixa capacidade na transmissão de conteúdos, materiais de trabalho insuficiente, elementos que contribuem para a falta de atenção por parte do público. Além do mais, foi abordado que a descontinuidade dos projetos de extensão dificulta o entrosamento entre a universidade e a comunidade.

A conclusão mostrou que as ações de extensão não devem somente ter como base a saída da universidade e a ida às comunidades, mas priorizar o conhecimento prévio da realidade dessas comunidades, bem como o uso de metodologias que proporcionem uma interação que valorize a interação dialógica e a troca de saberes.

Considerações finais

A universidade se aproxima e amplia a sua ação formativa na democratização do conhecimento, considerando as contribuições de vários setores da sociedade. Entretanto, para que isso ocorra, o discente e docente devem sentir-se motivados a desenvolverem ações extensionistas que ultrapassem os muros das universidades, que muitas vezes ainda trazem uma gestão elitista e conservadora, dificultando o crescimento dessas mesmas ações, devido a várias barreiras impostas. Na extensão, tem-se a oportunidade de exercitar a troca de saberes. Ela influencia e também é influenciada, mas não é a única que traz consigo funções desafiadoras.

As ações de extensão podem proporcionar às universidades condições de assumirem importante contribuição na melhoria do espaço em que estão inseridas, apontando alternativas na busca por sanar pontos relevantes e referendados, inclusive na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, cabendo a cada universidade a escolha do caminho a seguir conforme sua realidade.

Um dos pontos de destaque para o desenvolvimento de atuação extensionista relevante é o de conhecer o significado da extensão, as diretrizes, políticas e ações que a vinculam institucionalmente, adequadas às realidades da sociedade na qual a instituição está inserida. O grau de participação das comunidades nas transformações sociais é reflexo do grau de interação das ações extensionistas e o entendimento dos componentes da academia sobre o significado da extensão. Compreender e entender o papel da extensão pode ser um caminho mais viável para sedimentação do entrosamento da universidade e a sociedade.

No Brasil, a extensão ganhou reforço com a criação do Programa de Extensão Universitária em 2008, por meio do Decreto Federal nº 6.495/2008, que reforça as políticas de extensão, sendo fortalecido pelo Decreto Federal nº 7.416 de dezembro de 2010. Tal Decreto objetiva apoiar as IES no desenvolvimento de programas, projetos interdisciplinares e multiprofissionais, liberando orçamento/bolsas para as atividades de ensino e extensão, designando-as para que elas sejam executadas visando à interação universidade/sociedade.

No FORPROEX, são estabelecidas as políticas e diretrizes em consenso com os gestores ali representados, visando ao fortalecimento da extensão universitária. Cada instituição define seus preceitos nos editais de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), sempre priorizando as diretrizes, políticas e ações no contexto da indissociabilidade.

Em referência às pesquisas apresentadas quanto à percepção sobre a extensão, percebe-se o seu prestígio nos processos formativos, focalizando a articulação ensino/pesquisa/extensão. Barbosa (2012), Santos e Passaglio (2013) e Ferreira Júnior (2018), evidenciaram que existem lacunas com relação à divulgação da extensão nas referidas instituições, atrelada a falta de interesse por parte dos envolvidos em busca de informações referentes às ações de extensão.

É pertinente ressaltar que as ações de extensão contribuem com o conhecimento teórico/prático, estimula a reflexão crítico-participativa e favorece a troca e a transmissão de conhecimentos. A boa atuação da extensão é aquela que integra várias disciplinas, ou seja, pratica de fato a interdisciplinaridade por meio de eventos, projetos, cursos, programas, estágios, visitas e intercâmbios nacionais e internacionais.

Barbosa (2012) destaca como exemplo positivo o Programa de Apoio Integrado (PAIE) da UFMG que financia a realização de eventos acadêmicos em diferentes áreas do conhecimento. Para a participação nesse programa, é exigido que os beneficiários

estejam inseridos no cadastro de informação da extensão, atendendo aspectos técnicos, científicos, esportivos e artísticos.

Na UKB em Benguela, destaca-se a Escola de Cacimbo, buscando contribuir e apoiar na harmonização dos programas do ensino superior, ofertando vários cursos de extensão em diversas áreas.

Diante do explanado, constatou-se que as pesquisas sobre a extensão tornam o tema mais que pertinente e de real importância para o meio acadêmico, em que proporciona bases teóricas para a melhoria das ações, apontando resultados comprovados a partir das pesquisas publicadas. Quando se avalia os resultados das ações desenvolvidas, analisam-se como os interlocutores identificam o que é extensão e como ocorre a interação com a sociedade na qual está inserida.

Nos estudos apresentados nessa revisão, conforme a visão dos discentes, pode-se observar o quanto a vivência na extensão estimula à reflexão entre teoria e a prática, favorece o desenvolvimento de uma postura ética e crítica, além de contribuir para uma troca e transmissão de conhecimentos. Não se pode descartar a percepção do restante dos alunos que não estão envolvidos em ações de extensão. Qual entendimento destes alunos sobre extensão como um todo? Por que eles não se envolvem nessas ações? É importante que se conheça essas respostas, elas podem e devem despertar e estimular a realização de futuras pesquisas.

Assim, a universidade responde aos desafios interpostos no seu dia a dia, por meio da prática da extensão, que influencia na formação de pessoas e na socialização do conhecimento junto às comunidades.

Referências

BARBOSA, V. C. **Extensão universitária**: proposição e validação de um instrumento de avaliação da percepção dos discentes. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Empresariais, Universidade FUMEC. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/pdma/article/viewFile/4466/2279>. Acesso em: 6 set. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 02 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Perfil da extensão universitária no Brasil**: relatório da comissão nacional de extensão. Brasília: Ministério da Educação, 1995.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação-PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 2 jul 2018.

CARDOSO, E. M. S., SAPALO, A. T., SANTOS, J. R. C. A extensão na Universidade Katyavala Bwila como espaço de ampliação do processo de ensino-aprendizagem: experiências no período 2015-2018. **Revista Angolana de Extensão Universitária**, Bengo, v. 1, n. 2, p. 2-12, 2019. Disponível em: <http://www.portalpensador.com/index.php/RAEU-BENGO/article/view/102>. Acesso em: 10 ago. 2019.

COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI, A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. *In*: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 55-70.

FERREIRA JÚNIOR, G. J. **Extensão universitária e Pibex**: um estudo sobre os projetos de extensão e a percepção dos discentes bolsistas da UFT. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas, Universidade Federal do Tocantins. Palmas, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 [...]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 jan. 2020.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, R. C. S. B.; FREITAS, H.; VIEIRA, D. D. As relações entre a Univasf e a agricultura familiar por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex). **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 18, n. 3, p. 38-55, set./dez. 2019. Doi: 10.14393/REP-v18n32019-49424. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reeducpop/issue/view/1921>. Acesso em: 12 mar. 2020.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária**: para quê? São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 17 jan. 2020.

GONZATTI, S. E. M. *et al.* Olhares sobre a extensão universitária: percepções dos bolsistas do projeto redes interdisciplinares. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 10, n. 4, dez. 2018. Doi: 10.22410/issn.2176-3070.v10i4a2018.2051. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/2051>. Acesso em: 10 ago. 2020.

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de extensão universitária brasileira**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

OLIVEIRA, F. L. B.; ALMEIDA-JÚNIOR, J. J.; SILVA, M. L. P. S. Percepção dos acadêmicos em relação às dificuldades no desenvolvimento de projetos de extensão universitária. **Rev. Ciênc. Ext.** São Paulo, v. 12, n. 2, 2016. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1234. Acesso em: 10 ago. 2019.

PEREIRA, E. M. A. A importância da Reforma de Córdoba para o contexto acadêmico latino-americano. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 5, 2019. Doi: 10.20396/riesup.v5i0.8653900. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653900>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SANTOS, A. B. *et al.* Extensão universitária: a visão de acadêmicos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). **Em Extensão**, v. 12, n. 2, p. 9-22, 2013. Doi: 10.14393/REE-v12n22013_art01. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/22609>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SANTOS, B. S. **A universidade do século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo, Cortez, 2004.

SANTOS, H. S.; ROCHA, B. F.; PASSAGLIO, K. T. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 7, n 1, p. 23-28, 2016. Doi: 10.36661/2358-0399.2016v7i1.3087. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087>. Acesso em: 10 ago. 2019

SILVA, D. B. M.; BARBOSA, V. C. **Avaliação e indicadores da extensão na UFMG**. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA, 12., 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/proex/Noticias/Destaques/XII-Congresso-Extensao-Universitaria>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SILVA, R. R.; TEIXEIRA, M. R. S.; RODRIGUES, F. T. R. L. Uma análise da gestão de projetos de extensão de uma instituição federal de ensino. **Revista Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 150-171, dez. 2016. Doi: 10.7769/gesec.v7i3.502. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/502>. Acesso em: 10 set. 2019.

Submetido em 28 de abril de 2021.
Aprovado em 23 de junho de 2021.